

2 Sobre velhice e envelhecimento

2.1. Compreendendo a velhice e o processo de envelhecimento

Somente os idiotas se lamentam de envelhecer.

Cícero, 44 A. C.

Tratar do tema proposto sugere algumas considerações a respeito do entendimento sobre a *velhice*. Para uns trata-se apenas de um processo natural do mundo da vida, como se “a palavra encerrasse uma realidade bem definida” para empregar a expressão de Beauvoir²⁵ (1970); para outros, por tratar-se de uma condição da espécie humana, não é tão fácil percebê-la com a mesma naturalidade.

Trata-se, na verdade, de buscar compreender a velhice enquanto decorrência do processo de envelhecimento nas diferentes contribuições teóricas perpassá-las à luz dos aportes compreensivos e estudá-la especialmente, em um contexto existencial.

Beauvoir escreveu uma obra extraordinária sobre a velhice, e segundo a autora este ato foi elaborado com o objetivo de romper o silêncio que tomava esta fase da vida. Para ela a sociedade trata os idosos como “*párias*”, condenando-os à miséria, à solidão e ao desespero. E prossegue a autora, “acima de tudo, dêles se exige serenidade: afirma-se que a possuem e autoriza um desinteresse por seu infortúnio”, já na Introdução de seu ensaio Beauvoir²⁶ (1970) imprime esse caráter aos seus escritos sobre a sociedade e a velhice. E aponta que, assim como a feminilidade é socialmente construída, a velhice é acima de tudo cultural.

²⁵Beauvoir, S. A velhice I: as relações com o mundo. Editora Difusora Européia do Livro – DEL. SP. 1970, p.13.

²⁶Idem, p. 8.

Beauvoir (1970) no desenvolvimento da sua tese sobre a velhice, além de mostrar a inexorabilidade do tempo, critica o modo como os velhos são vistos pelos economistas e legisladores, fala dos desconfortos sentidos com a chegada da velhice, das dificuldades encontradas para ultrapassar os desafios, os tabus, os estigmas e os preconceitos.

Revela ainda a maneira como as próprias pessoas idosas defendiam a não existência da velhice, e as dificuldades que também teve que ultrapassar para desenvolver seus estudos sobre a velhice, e, argumenta: “que celeuma levantei quando infringi este tabu no final de *La force des choses!*”²⁷ Expondo o percurso que fez sobre este tema, a autora revela através da fração subsequente o modo como a velhice era renegada pelos próprios idosos:

De maneira ora gentil, ora irritada, muitas pessoas, sobretudo as idosas, repetiram-me exaustivamente que a velhice é coisa que não existe. Existem apenas pessoas menos jovens do que as outras, e pronto! A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar. Em todos os campos existe uma vasta literatura versando sobre a mulher, a criança, o adolescente; são extremamente raras as alusões à velhice fora dos trabalhos especializados²⁸.

Argumenta também que, “a velhice, em geral não é por ela encarada como uma classe de idade bem delimitada”²⁹, visto que “a delimitação da nossa velhice é exercida pelos outros”, porque também “somos velhos aos olhos dos outros”³⁰. Apreende-se então que a velhice seja um resultado de um processo global de alterações progressivas, que não cessam no funcionamento do organismo, fazendo com que o indivíduo apresente dificuldades em se adaptar ao meio ambiente e tornando-o, conseqüentemente, mais vulnerável.

Apesar dessa apreensão Beauvoir³¹ (1970) lembra que “é mal definido o momento em que começa a velhice, variando de acordo com as épocas e os lugares. Em parte alguma se encontra “rituais de transição” que estabeleçam um novo estatuto”.

Tratar da velhice não é uma tarefa simples pelas variáveis que a compõe, entre elas a que a relaciona a um fenômeno biológico; as que a percebem

²⁷Idem, pp. 5-6.

²⁸Idem p.5.

²⁹Idem.

³⁰Idem.

³¹Idem, p.7.

enquanto uma dimensão existencial, “como todas as situações humanas”. Para Beauvoir, nesta existe o entendimento de que o homem ao longo de sua vida concebe sua relação com o tempo de modo distinto e conseqüentemente com o mundo da vida e com a sua própria história.

Contribui com essas exterioridades Couto *et al*³² (s/d) quando se referem à velhice como um lugar rico de possibilidades de análises e advertem que se o modo de apreensão da velhice for considerá-la exclusivamente na “forma pura e essencial” será “como pegar o vazio”. Nas palavras da autora, é necessária a busca de um novo pensar sobre a velhice, além de, e, não há como discordar, ser imprescindível ponderar novos modos de tematizar a velhice, dando ênfase, especialmente, “a responsabilidade coletiva e valorizando a experiência singular e vital do envelhecer”. Nas considerações da autora:

É interessante observar que em função de a Gerontologia ser um campo multidisciplinar, ela comporta uma infinidade de significados de envelhecimento, que variam conforme a área do saber, como, por exemplo, a Biologia, a Psicologia e a Sociologia. Mas a diversidade se estende ainda mais quando pensamos que cada uma dessas áreas, por sua vez, comporta outra variedade de paradigmas que embasam concepções distintas do envelhecer³³.

Constata-se então, que estas são questões que se superpõem e que se complementam, e que constroem um alicerce para que, a partir dessa nova arquitetura, o tema da velhice aos poucos seja desvelado de maneira diferenciada.

Com este item da tese procuramos fazer alguns recortes que dêem ao leitor condições de compreender o fenômeno do envelhecimento populacional nas variadas dimensões que, mesmo através de matrizes dessemelhantes, necessitam ser consideradas como alicerce, para a descoberta e o desvelamento da velhice.

A visibilidade das pessoas idosas e da velhice comprovou-se, especialmente na última década, não apenas pelos dados demográficos oficiais como pela imprensa de uma maneira geral, mas também pela convivência do dia a dia, que faz com que coexistamos com um número cada vez maior de idosos, tanto no espaço público como no privado.

³²Couto, A. L. A; Rocha-Coutinho, M. L. Gerontologia: Scienza Nuova. Reflexões a cerca do discurso científico sobre o envelhecer. *In*: Artigo da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Seção Rio de Janeiro. Disponível em www.sbggrj.org.br. Capturado em 08.06.2010.

³³Idem.

É importante uma breve reflexão sobre os argumentos de Arendt³⁴ (2007) quando a autora faz a distinção entre o *público* e o *privado*, o *espaço público* é entendido aqui como o lugar onde se dão as manifestações que são capazes de expressar tanto a vontade quanto o pensamento social. Para a Arendt (2007), o termo *público* constitui o próprio mundo na medida em que é comum a todos os homens e mulheres e dessemelhante do espaço que cabem esses dentro dele.

Assim, estabelece Arendt³⁵ (2007):

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se real e fidedigna.

Sobre a questão do envelhecimento, os dados que mostram o significativo aumento da população são revelados através do IBGE³⁶, que demonstra que no Brasil, na década de 1970 cerca de 4,95% da população brasileira era de pessoas idosas, percentagem que saltou para 8,47% na década de 1990, com expectativa de alcançar 9,2% no ano de 2010. No entanto, antes mesmo da chegada do ano de 2010 este percentual já havia sido superado, pois segundo dados da PNAD³⁷ de 2008, a população brasileira não só manteve sua tendência no processo de envelhecimento, com percentual cada vez maior de idosos e menor de jovens, como apresentou números que superaram as expectativas e, assim, as pessoas com 60 anos ou mais, em 2008, já representavam um percentual de 11,1% dos brasileiros, enquanto as crianças de 0 a 4 anos representavam apenas 7,2% da população.

Segundo a mesma PNAD, o Rio de Janeiro é o estado mais envelhecido de todo o país, cuja parcela daqueles que têm 60 anos ou mais é de 14,9% da população, percentual bem acima da média nacional de 11,1%. Em compensação, na outra ponta do mapa está Roraima que é o estado com a menor população acima dos 60 anos, apenas 4,9%. Cançado³⁸ (1996) verificou que o aumento do número de idosos brasileiros também tem sido seguido por um acréscimo

³⁴ARENDR, H. A condição humana. 8ª edição. Editora Forense Universitária. RJ. 2007.

³⁵Idem, p 67.

³⁶Fundação IBGE – Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. RJ. 2002.

³⁷Fundação IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2008. RJ. 2009.

³⁸Cançado, F. Epidemiologia do envelhecimento. In: Noções práticas de geriatria. SP. COOPMED. 1996, p. 16-43.

expressivo nos anos de vida da população deste país. Desse modo, a perspectiva de vida que era por volta dos 33,7 anos em 1950/1955 passou para 50,99 em 1990. Em 1995 atingiu os 66,25 e, em 2010 a perspectiva de vida foi de 73,5 anos e deverá alcançar 77,08 em 2020/2025.

Maia; Londero; Henz (2008)³⁹ esclarecem que em função do panorama do envelhecimento que ocorre no mundo a ONU considera o período de 1975 a 2025 a “*Era do Envelhecimento*”.

O processo de envelhecimento demográfico demonstrado pelos dados estatísticos revela que se trata de um processo que teve ampla repercussão e que permanece repercutindo nas mais variadas esferas da estrutura política, social, econômica e cultural da sociedade, especialmente na brasileira uma vez que “o envelhecimento é, em certa medida, resultado da capacidade técnica dos sistemas de saúde de melhorar a vida das pessoas”, como sugerem Medeiros e Diniz⁴⁰.

Essas são questões que compõem o alicerce do nexos da velhice e que claramente possuem focos distintos de análises em consequência dos fundamentos teóricos a que se afiliam os autores principais que se destinam a estudar este tema. O leitor é, portanto, convidado a percorrer alguns alicerces teóricos sobre a velhice.

Ramos, Veras e Kalache⁴¹ (1987), ressaltam que o envelhecimento é o resultado de dois fatores associados, por isso assinalam:

Os países do chamado Terceiro Mundo vêm apresentando, nas últimas décadas, um progressivo declínio nas suas taxas de mortalidade e, mais recentemente, também nas suas taxas de fecundidade. Esses dois fatores associados promovem a base demográfica para um envelhecimento real dessas populações, à semelhança do processo que continua ocorrendo, ainda que em escala menos acentuada, nos países desenvolvidos.

Esses são raciocínios aprofundados por autores e também por Caldas⁴² (2004) quando reforçam que o envelhecimento é:

³⁹Maia, G. F. da; Londero, S.; Henz, A. de O. (2008) Velhice, instituição e subjetividade. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, jan./mar., v.12, n. 24., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Capturado em 28.04.2010.

⁴⁰Medeiros, M.; Diniz, D. A nova maneira de se entender a deficiência e o envelhecimento. IPEA. RJ. 2004 s/p. Disponível em: [www.http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/td_.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/td_.pdf) Capturado em 02.05.2010.

⁴¹Ramos, L. R.; Veras, R. P.; Kalache, A. Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. In: Revista de Saúde Pública. V. 21 n° 3. SP. 1987, s/p.

Um fenômeno simultaneamente global e local, com evolução preocupante a curto e médio prazo, à medida que a rápida diminuição das taxas de natalidade observadas nos últimos anos na maioria dos países sinaliza um incremento ainda maior do processo global de envelhecimento da população.

Camarano ⁴³ (1999) chama a atenção quanto à equação demográfica ser alguma coisa bastante simples, para ela quanto menor o número de jovens e maior o número de adultos atingindo a terceira idade, mais rápido é o envelhecimento da população como um todo.

Para Veras ⁴⁴ (1994) nada pode sofrer mais alteração ou flutuação que as fronteiras da velhice, se forem considerados os aspectos fisiológico, psicológico e social que a envolve. Papaléo-Netto ⁴⁵ *et al* (1996) admitem que:

O fenótipo do envelhecimento, que é representado por marcadores típicos, como perda do peso, redução da massa corpórea magra, cabelos grisalhos, pele enrugada, etc., é o reflexo de um somatório de alterações somáticas que, mais rápida ou mais lentamente estarão presentes em todos os idosos.

Os autores consideram que apesar desses serem marcadores facilmente observáveis, não existem ainda esclarecimentos suficientes para os mecanismos que os desencadeiam, e dizem que todo esse desconhecimento ainda ocorre “apesar de o envelhecimento biológico ser um fenômeno universal e comum a praticamente todos os seres vivos animais” ⁴⁶.

Contudo, são pertinentes as reflexões dos autores que seguem no que diz respeito ao caráter dinâmico e progressivo do envelhecimento, desse modo, Papaléo-Netto e Borgonovi ⁴⁷ (1996) asseguram que:

⁴²Veras, R. P.; Caldas, C. P. Promovendo saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *In: Revista Ciência e Saúde Coletiva*. v. 9, n. 2. RJ. 2004. S/p.

⁴³Camarano, A. A. Reflexões sobre assédio moral institucional e seus riscos na aposentadoria. *In: Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade*. Barros Junior, J. C. (Org.). 1ª edição. Editora Edicon. SP. 2009.

⁴⁴Veras, R. P. País jovem de cabelos brancos: a saúde e a cidadania do idoso no Brasil. Relume-Dumará: UERJ. RJ. 1994.

⁴⁵Papaléo-Netto, M. & Borgonovi, N. Biologia e teorias do envelhecimento. (p. 44-59). *In: Tratado de Gerontologia*. Papaléo-Netto e Colaboradores. Editora Atheneu. SP. 1996, p. 44.

⁴⁶Idem.

⁴⁷Papaléo-Netto, M. & Borgonovi, N. Biologia e teorias do envelhecimento. (p. 44-59). *In: Gerontologia*. Papaléo-Netto, M. e Colaboradores. Ed. Atheneu. SP. 1996, p. 44.

Entre todas as definições existentes, cremos que a que melhor satisfaz é aquela que conceitua o envelhecimento como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que terminam por levá-lo à morte.

Para Beauvoir (1970) as análises com fundamentos na biologia dão um determinado caráter *a priori* à velhice, assim a autora lembra: “a velhice só poderia ser compreendida em sua totalidade; não representa somente um fato biológico, é também um fato cultural”⁴⁸ e segue advertindo na sua crítica ao plano biológico, dizendo: “como acabamos de ver, é claro o sentido da noção de decadência, no plano biológico. O organismo entra em declínio quando se reduzem suas probabilidades de subsistir”⁴⁹.

Debert (1999) compreende a velhice como uma construção social, e, se assim compreendida não há lugar para se empregar apenas a idade como ponto de corte, como se utilizam das etapas da vida como definição para legitimar as práticas com esse grupo populacional.

Debert⁵⁰ (1998) questiona ainda a perspectiva biológica, posto que considera os aspectos econômicos, demográficos e biológicos significativos para estudo de necessidades, formulação e reformulação de políticas sociais públicas, apontadas para esse grupo populacional, pois somente as biológicas são categorias pouco expressivas para desvelar e permitir a compreensão da totalidade que emerge da velhice. Daí, Debert⁵¹ (1999) esclarece que:

(...) explicar por razões de ordem demográfica a aparente quebra da “conspiração do silêncio” em relação à velhice é perder a oportunidade de descrever os processos por meio dos quais o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociais do momento.

Os estudos desenvolvidos por Debert (1998/1999) são exemplares na construção que se emoldura nessa perspectiva, especialmente por partir da hipótese de que é a sociedade e a cultura que instituem os lugares e as atribuições preferenciais de cada fase da vida na divisão social do trabalho e dos papéis que

⁴⁸Beauvoir, S. A velhice. DEL. 1970, p. 18.

⁴⁹Idem, p. 19.

⁵⁰Debert, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. Editora Edusp/FAPESP, SP. 1999, p. 11.

⁵¹Idem, p. 12.

serão desempenhados na família, daí poder se afirmar que a velhice também está sujeita a essas atribuições.

Não há dúvida de que a velhice é também um fenômeno biológico, apesar disso, o declínio pode se dar de modo distinto em cada pessoa, que será mais acentuadamente revelado de uma pessoa para outra. As reflexões de Beauvoir (1970) lembram a importância da distinção que deve ser elaborada quando se reflete sobre a velhice.

Em *A Velhice* Beauvoir (1970) descreve esse declínio de maneira rica, o que revela não só sua percepção, mas suas observações arguciosas sobre a velhice. Sua descrição detalhada nos faz interagir prontamente com o ser humano envelhecido com todas as “situações humanas que têm uma dimensão existencial: que modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história”⁵², e em sua apreciação existencial da velhice, ressalta que “por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence”⁵³.

Nery (2000) sugere que o processo de envelhecimento acontece diferentemente para as pessoas, estando sujeito ao seu ritmo e à época da sua história, pois a velhice não é um tempo exclusivamente de prejuízos e obstáculos. Apesar de adicionar a expectativa de enfermidades e restrições biológicas, é possível não só conservar, mas aperfeiçoar as habilidades e a funcionalidade nos espaços cognitivos, físicos e afetivos.

Sá⁵⁴ (2005) chama a atenção para o fato de que é preciso que reconheçamos que maior expectativa de vida constitui-se, de maneira especial, de questionamentos a respeito de sonhos não materializados, de planos não concretizados, de procuras não concluídas.

Para confirmar a ideia de que não existe apenas um envelhecer, retomamos com Beauvoir⁵⁵ (1990), que diz: “o que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores”.

⁵²Beauvoir, S. Velhice e biologia. *In*: A velhice: a realidade incômoda. Editora Nova Fronteira. 3ª edição. RJ. 1990, p. 35.

⁵³Idem, Preâmbulo, p. 15.

⁵⁴Sá, P. O idoso no mercado de trabalho. Disponível em: <http://www.drgate.com.br/artigos/extos/to/to-idosot.html>. Capturado em: 04.07.2010.

⁵⁵Beauvoir, S. A velhice. 3ª Edição. Editora Nova Fronteira. RJ. 1990, p. 97.

Seguramente Beauvoir tem contribuído imensamente com suas análises a respeito da velhice e mostra por isso mesmo outro aspecto importante pertinente a ela, que é a questão da aposentadoria na visão de Ernest Hemingway que para isso se apropria dos seus escritos e mostra de que modo ele a concebe. Hemingway revela seu pensamento sobre o tema, quando sugere que:

A pior morte para alguém é a perda daquilo que constitui o centro de sua vida e que faz dele aquilo que ele é na realidade. Aposentadoria é a palavra mais repugnante da língua. Que isso se faça por decisão própria ou porque o destino a tanto nos obriga, aposentar-nos e abandonarmos nossas ocupações - essas ocupações que fazem de nós o que somos – equivale a uma descida ao túmulo ⁵⁶.

O “tempo do não trabalho”, na expressão de Mercadante (2003), significa um prejuízo mais extenso para os homens que para as mulheres. Em estudo elaborado pela mesma autora apareceram revelações sobre a aposentadoria que permitiram fazer essa diferenciação, assim essas impressões que mostramos a seguir são seus resultados em relação aos homens:

Nos depoimentos masculinos, o sofrimento por desligar-se do trabalho é muito mais sentido no início da aposentadoria. (...) Há, claramente, para esses homens idosos, uma relação urgente e estreita na definição de novos papéis sociais para começarem a exercer tendo em vista o corte que sofreram nas suas vidas públicas de trabalho ⁵⁷.

Em relação às mulheres, as respostas obtidas pelo estudo revelam sentimentos ainda não tão precisos pelo fato das mesmas se envolverem, ao mesmo tempo, com a vida do trabalho e a vida doméstica, por isso mesmo, seus sentimentos se “misturam”, especialmente, sobre a visão que ambos têm sobre o estar fora do mundo do trabalho ou “no tempo do não trabalho”. Em relação às pessoas do sexo masculino, outra vez, segue a autora:

⁵⁶Idem, p. 297.

⁵⁷Mercadante, E. F. Velhice: a identidade estigmatizada. *In*: Revista Serviço Social e Sociedade n° 75. Ano XXIV. Especial 2003. Editora Cortez. SP. 2003, p. 69.

Alguns depoimentos, tanto das mulheres quanto dos homens, explicitam o sentimento de deslocamento geral masculino, na medida em que deixam claro que o espaço privado, o espaço da casa, é um local privilegiado ocupado pela mulher. A afirmação “o homem em casa mais atrapalha do que ajuda” sintetiza muitas reflexões, tanto femininas quanto masculinas⁵⁸.

Embora tenhamos assegurado anteriormente a imprecisão nas respostas das mulheres em relação ao afastamento da vida do trabalho, reafirmando o posicionamento da autora, a peculiaridade do modo feminino de caminhar sua vida em relação ao mundo do trabalho, que deve ser entendido a partir de várias jornadas, às vezes superpostas, às vezes contínuas, consideramos que as mulheres revelam sim determinados sentimentos em relação a elas mesmas e ao afastamento do trabalho formal pela aposentadoria, o que o estudo defende é que esse afastamento:

Aponta para uma situação mais amena vivida pelas mulheres se comparada à situação dos homens. Todas apontaram que a aposentadoria só as desligou do trabalho realizado fora de casa e que, assim sendo, pelo fato mesmo de continuarem exercendo as tarefas domésticas, não sentiram qualquer tipo de rompimento com o mundo do trabalho⁵⁹.

Contudo, Beauvoir⁶⁰ (1990) aponta a atitude mais indicada para se fazer uma análise da velhice. Para ela: “uma descrição analítica dos diversos aspectos da velhice não é considerada suficiente para compreendê-la, uma vez que cada um desses aspectos interage com todos os outros e é afetado por eles”, por isso, conforme a autora é (...) “no movimento indefinido desta circularidade que se deve apreendê-la”⁶¹.

Sabe-se que Beauvoir, está entre os filósofos que mais se debruçou para pensar sobre a velhice nas suas mais variadas exterioridades na perspectiva existencial. E, refere que a sociedade estabelece uma “cadeia de chavões” fundamentada no fato de que, quando se considera a pessoa idosa um objeto da história e da ciência a descrevemos com base nas suas exterioridades, ou seja, essa pessoa é descrita pelo outro, pelo olhar do outro e não por ele próprio, desse modo é a aparência que é mostrada.

⁵⁸Idem.

⁵⁹Idem, p. 70.

⁶⁰Beauvoir, S. Velhice e biologia. *In*: A velhice: a realidade incômoda. Editora Nova Fronteira. 2ª edição. RJ. 1990, p. 156.

⁶¹Idem.

Continuando com Beauvoir, vemos que o idoso é um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage se responsabilizando por suas exterioridades cuja manifestação considera revelação das suas interioridades, desse modo é o próprio idoso que coloca a velhice em uma pluralidade de experiências pessoais deixando ao alcance do pesquisador somente a possibilidade de confrontar as diferentes exterioridades e experiências de envelhecimento, e a tentativa de identificar aquelas que são constantes e, assim, poder determinar as razões de suas diferenças ou semelhanças.

2.2. Exterioridades femininas da velhice

A velhice do mesmo modo que as outras etapas da vida é um tema que comporta uma discussão de gênero, daí que a primeira exterioridade feminina do envelhecer a ser mostrada é a prevalência das mulheres na velhice que ocorre em consequência da mortalidade dos homens. Mas, provavelmente, seja necessário um conjunto de teorias para justificar a longevidade das mulheres, visto que, ao mesmo tempo o sexo feminino tem muitos prós e muitos contras, e também porque assim teríamos do fenômeno uma compreensão multifocal.

Freitas⁶² (2004) aponta que no ano de 2000 para cada 100 mulheres idosas existiam 81,6 homens idosos. E, sabe-se que quanto mais velho o contingente idoso, mais elevada é a proporção de mulheres, assim, para o grupo com 80 anos e mais, esse percentual eleva-se para 60%. Por outro lado, o volume de homens casados é maior que o de mulheres, respectivamente, 79% e 43% sendo, no entanto, maior o número de viúvas, como sugere Freitas⁶³ (2004). Os dados oficiais do IBGE, relativos ao censo de 2010, mostram que pouca ou quase nenhuma mudança ocorreu em relação aos números e situações apresentadas.

Voltamos a Beauvoir (1970), que ao se referir a velhice sugere que ela “não tem nem o mesmo sentido nem as mesmas consequências para os homens e para

⁶²Freitas, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecer. *In: Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Py, L. NAU Editora. RJ. 2004.

⁶³Freitas, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecer. *In: Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Py, L. NAU Editora. RJ. 2004.

as mulheres”⁶⁴, e adverte retomando questões femininas como o lado positivo da menopausa, a liberdade de exercitar determinados “tabus alimentares”, com o advento da velhice; lembra que os “poderes sobrenaturais a elas atribuídos podem proporcionar-lhes prestígios, mas são também passíveis de se voltar contra elas”⁶⁵; além de que ao mesmo tempo permanece um lado negativo, expondo que “seu estatuto, de um modo geral, permanece inferior ao dos homens” e que “são mais negligenciadas; abandonam-nas com mais facilidade”⁶⁶.

Donfut⁶⁷ (2004), nas reflexões sobre as vantagens e desvantagens das exterioridades femininas do envelhecer indica como vantagens as probabilidades da mulher idosa vir a desempenhar novas atividades distintas daquelas desempenhadas anteriormente, e entre as desvantagens ela mostra que elas não se restringem à “inferioridade econômica” vivida pela mulher ao longo de sua vida e permanecendo na velhice, mas igualmente a identidade, que está associada inexoravelmente à aparência. Cabe então um retorno aos movimentos de Arendt sobre a “aparência” e que Assy⁶⁸ (2006/2007) tão oportunamente expressa. Assim, para a autora:

Ao reavaliar a noção de aparência, Arendt restaura a dignidade da esfera pública. A promoção de fato relevante do papel da aparência (na ética) *parênteses nossos*, é não versar sobre o que é ser uma boa pessoa, mas sim sobre o que é agir consistentemente como um bom cidadão.

Já a aparência apontada por Donfut (2004) diz respeito aquela que revela o exterior ou o que torna uma pessoa distinta da outra e que ao mesmo tempo revela para si mesma aquela que ela é e não a que deveria ser aos olhos dos outros. Para Arendt, a aparência se relaciona efetivamente ao cidadão, o que não afasta a primeira dimensão da cidadã, da sociedade. Para Assy⁶⁹ (2007) “nossa ‘identidade específica’ é revelada através de como nos inserimos no mundo, por meio de quem somos no espaço público”, se analisarmos os modos de pensar a aparência, as duas reflexões são reveladoras de cidadãos e cidadãs, e naquilo que

⁶⁴ BEAUVOIR, S. A velhice. DEL. SP. 1970, p.93.

⁶⁵ Idem, p. 94.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Donfut, C. A. Sexo e envelhecimento. In: Família e envelhecimento. Peixoto, C.E. (Org.). Fundação Getúlio Vargas. RJ. 2004.

⁶⁸ Assy, B. Quem somos? – Ação e singularidade no espaço público. In: Revista O Social em Questão. Volume 16, Nº 16, 2006/2007, PUC - Rio. Dptº Serviço Social, pp. 8-9.

⁶⁹ Idem.

essas pessoas podem ser identificadas, ou melhor, ter uma identidade. Em nossa concepção a aparência é revelação de identidade nas duas abordagens.

Com base nos indicadores mais recentes acerca do universo feminino na velhice, a PNAD⁷⁰ de 2008 revela que a população de idosos representa um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que constitui 8,6% da população brasileira, e as mulheres ainda representam a maioria das pessoas idosas que vivem no Brasil, com 8,9 milhões.

Os dados da mesma PNAD apontam que existe a conformação de que as mulheres permanecem sendo a maioria na população brasileira, 51,2% e essa realidade é referente a todas as regiões do país, com exceção apenas da região Norte, onde essa divisão é igualitária. As regiões Sul e Sudeste são as mais envelhecidas do país, e de todo Brasil o Estado do Rio de Janeiro é o mais envelhecido. A proporção entre mulheres e homens, no entanto, segundo o censo de 2010, é diferente ao longo das diferentes faixas etárias, a explicação para esse fenômeno é que embora nasçam mais meninos que meninas, as mulheres tendem a viver mais conforme o passar dos anos.

Voltando a PNAD de 2008 a mesma expõe um segundo aspecto pertinente às mulheres, o aumento do número de mulheres que vivem sozinhas. Esse tipo de disposição familiar atingiu 8,9%, o que em uma população como a do Brasil, esse percentual corresponde a 5.1 milhões de mulheres vivendo nessa condição.

Para Nascimento⁷¹ (2001) essas mulheres, na sua maioria, tiveram uma história de vida com marcas bastante distintas em vários aspectos, como sua inserção no mercado formal de trabalho; a pouca escolaridade e por isso pouca qualificação profissional, e, em consequência, pelos baixos salários e poucas perspectivas de ascensão; além de ter vivido em um ambiente sócio-cultural com intensas marcas da ideologia de gênero que “prescreve um papel subalterno da mulher na sociedade e diferenciado na família”.

O autor problematiza ainda a questão da solidão e alerta para as dificuldades encontradas pelas mulheres a partir de transformações na família, e lembra, de

⁷⁰IBGE – Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios. 2008.

⁷¹Nascimento, M. R. Feminização do envelhecimento populacional: expectativas e realidades de mulheres idosas quanto ao suporte familiar. (p.191-218) *In*: O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade: subsídios para políticas orientadoras ao bem estar do idoso. Wong, L.L.R. (Org.). BH: UFMG/CEDEPLAR-ABEP. MG. 2001, p.192.

como, em certa medida, a entrada da mulher no mercado formal de trabalho influencia na vida das mulheres idosas. Ele sugere que estas transformações:

Implicam em alterações na função tradicional da família de dar suporte e apoio à pessoa idosa, seja por causa do número menor de membros na família, para cuidar das pessoas idosas, seja por causa do menor tempo da mulher, tradicional cuidadora dos membros dependentes da família, para assumir o cuidado dos parentes idosos ⁷².

As questões que se referem aos novos arranjos familiares, como desafio e aumento da “demanda doméstica” para a mulher idosa, precisam ser observados como decorrência de alterações mais amplas do conjunto da sociedade, desse modo, Medeiros⁷³ (2004), chama atenção no que se refere inicialmente aos novos arranjos familiares, e em seguida à família do idoso e ao próprio idoso, quando afirma:

(...) a família mudou e os velhos também. A família não é só, pai, mãe e filhos. Existem as que são chefiadas por mulheres, outras formadas só por mulheres ou só por homens (...) a família continua no imaginário de um grande número de pessoas como o ‘nosso’ grupo e a casa da família como o espaço da felicidade, do ‘conforto doméstico’, o qual envolve uma gama de atributos, entre eles ‘aconchego, intimidade e privacidade’.

Na verdade o campo familiar é uma unidade constituída de pessoas humanas que ao longo do caminho de suas vidas, cuidam de si e dos outros, sendo que os modos de cuidar vão acontecer segundo as necessidades de cada pessoa e vão se alterar conforme os modelos culturais, conforme aponta Sarti ⁷⁴ (1993).

Para Camarano ⁷⁵ (2002) o predomínio feminino na população de idosos é uma dimensão que traz repercussões importantes para as políticas públicas, tendo em vista o grande número de mulheres idosas com problemas de saúde relacionados tanto aos aspectos físicos quanto aos mentais.

A viuvez é outra conformação das exterioridades femininas da velhice, Debert (1999), entende que existem dois sentimentos que decorrem dela que são

⁷²Idem, p. 191.

⁷³Medeiros, S. A. R. O lugar do velho no contexto familiar. *In: Tempo de envelhecer*. Py, L. *et al.* NAU Editora. RJ. 2004, p. 192.

⁷⁴Sarti, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. Seminário “A família contemporânea em debate”. Instituto de Estudos Especiais. PUC-SP, outubro de 1993 (Mimeo).

⁷⁵Camarano, A. A. e Pasinato, M. T. Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária: como ficam as mulheres? *In: Texto para Discussão nº 883*. RJ. IPEA. 2002.

“a solidão ou a libertação”. Peixoto (1997) afirma que este mesmo evento advindo com a morte do cônjuge pode constituir-se em tragédia ou em libertação. A libertação de que falam Debert⁷⁶ (2004) e Peixoto⁷⁷ (1997) têm relação direta com as probabilidades de manutenção da própria vida na acepção econômica, que segundo Camarano (2002) estão relacionadas às mudanças fundamentais que foram constatadas na concessão de benefícios, entre eles pode-se citar a aposentadoria por idade aos trabalhadores rurais. Outros benefícios também foram devidos às mulheres a partir da Constituição Federal de 1988, o que lhes permitiu maiores possibilidades de libertação e autonomia. Não há dúvida que autonomia e libertação, tomadas como sinônimo de independência estão relacionadas com modos de vida, daí se entender que nesta questão específica, a influência dos benefícios como forma de dar autonomia e independência às mulheres é de muita distinção. Nesse sentido, cremos ser adequada a revisão dos conceitos de autonomia e independência, pois, apesar de considerados fundamentais para tratar da velhice, nas considerações de Zimmerman⁷⁸ (2000):

São termos que só podem ser empregados quando relativizados e pluralizados. Uma pessoa pode, por exemplo, ser financeiramente independente, mas fisicamente dependente. A dependência ou a independência, portanto, não são absolutas e é necessário estabelecer em relação a que coisa ou pessoa alguém é dependente.

Na análise da autora a relatividade desses dois conceitos é de fundamental importância na medida em que muitos são os mitos relacionados aos idosos. Ela cita como exemplo a tese de que na velhice os filhos tornam-se “pais dos seus próprios pais” e que na verdade isso não se efetiva.

Nas problematizações da viuvez é comum raciocinar que após longos anos de convívio a mulher desenvolva “*sempre*” o sentimento de solidão, na medida em que estará só, e, esta é uma realidade entre os idosos e não exclusivamente entre as mulheres idosas e viúvas. Camarano⁷⁹ (2002) sugere que é cada vez maior o número de idosos vivendo sozinhos e não faz referência exclusivamente às

⁷⁶Debert, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1ª edição. 1ª reimpressão. Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP. SP. 2004.

⁷⁷Peixoto, C. E. Histórias de mais de 60 anos. In: Dossiê Gênero e Velhice. 1997, p. 148-158.

⁷⁸Zimmerman, G. I. Velhice: aspectos biopsicossociais. Editora Artes Médicas Sul. Porto Alegre. 2000, p. 26.

⁷⁹Camarano, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: Tratado de Geriatria e Gerontologia. Freitas, *et al.* Guanabara-Koogan, RJ. 2002, p.61.

mulheres, os homens também optam por este estilo de vida, com a viuvez e nem “sempre” são solitários.

Para uns, viver só pode significar solidão e afastamento; para outros, ela é expressão de exercício de preferência, de independência; estar só também pode ser uma circunstância transitória, estar próximo física ou geograficamente, não significa necessariamente, proximidade e companhia. Arendt (2002), na sua obra “A Vida do Espírito” faz uma reflexão sobre o tema “estar só e a solidão”. Desse modo, para a autora:

O estar só é a situação em que me faço companhia. A solidão ocorre quanto estou sozinho, mas incapaz de dividir-me (no-*dois-em-um*) *parênteses nossos*, incapaz de fazer-me companhia, quando como Jaspers dizia ‘eu falto a mim mesmo’ (*ich bleid mir aus*), ou em outras palavras, quando sou um sem companhia ⁸⁰.

Na sequência de suas análises, Arendt (2002) reafirma uma dada exigência, a que cada um faça de si mesmo um parceiro no diálogo do pensamento, visto que: “também o eu é uma espécie de amigo” ⁸¹. E ajuíza a autora: “viver junto com os outros começa por viver junto a si mesmo” ⁸², revelando que o primeiro exercício da vida tem início com o nosso eu.

Viver com os outros demanda tomar um distanciamento de si mesmo para submeter “o próprio espírito” a uma nova apreciação a um empenho de concordar consigo mesmo, instituindo a disposição para o outro, para ouvir o outro, para dialogar com o outro, tomando a atitude de ver o mundo sob o ponto de vista do outro. Para Neto ⁸³ (s/d) esse exercício é intenso e não se produz na superficialidade.

As análises elaboradas por Camarano (2002), Debert (1999), Mercadante (1997) e Beauvoir (1970) mostram as dificuldades e ao mesmo tempo a necessidade de revisão conceitual sobre a velhice e o universo feminino que a envolve. As autoras oferecem resultados importantes que são atravessados por fundamentos antropológicos, sociológicos, e filosóficos, que levam a constatar que a velhice não pode ser vista como uma questão individual, pertencendo somente à família o encargo pelas respostas as suas demandas.

⁸⁰ Arendt, H. A vida do espírito. Editora Relume-Dumará. RJ. 2002, p. 139.

⁸¹ Idem, p. 141.

⁸² Idem, 102.

⁸³ Neto, R. R. A. O Sócrates de Hannah Arendt. Disponível em: www.cchla.ufrn.br/humanidades2009. Capturado em: 04.07.2010.

É imprescindível lembrar que na velhice o corpo e o tempo se “entrecruzam no devir do envelhecer” e como resultado disso há que se perceber que diferentes velhices virão ao mundo e em consequência, várias exterioridades. No entanto, é imperativo raciocinar que se toda pessoa tiver a sua própria velhice, não teremos como “*contar as velhices*”, pois elas passarão a ser incontáveis, no sentido de compreendê-las e a significação apropriada do termo se tornará uma dificuldade, para não dizer um impasse. Pode-se apreender então que o que hoje tomamos como referência sobre velhice e tudo que julgávamos conhecer ou saber são insuficientes para definir a concepção contemporânea de velhice “isso comprova a necessidade de tudo rever, desde o princípio. E é por este motivo que a questão é tão cuidadosamente silenciada; é por isto que se faz necessário quebrar este silêncio; peço aos meus leitores que me ajudem a fazê-lo”, conforme nos convoca Beauvoir ⁸⁴ (1970).

⁸⁴Beauvoir, S. A velhice. DEL. 1970, p. 12.